

# SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

## “O “HOMEM CORDIAL” MORREU”

**N**ENHUM trabalho intelectual exerce, isoladamente, influência na opinião pública e não creio que minha obra tenha influenciado.

Esta é a opinião do historiador, escritor e professor Sérgio Buarque de Holanda, 75 anos, que no momento recupera-se, em sua casa, de fratura no fêmur, razão de estar “diminuindo, agora, meu ritmo de trabalho”.

O autor de *Raízes do Brasil* prossegue em suas pesquisas históricas, munido de projetor e microfimes com importante documentação sobre o Brasil, adquiridos em Washington. Ele lembra a repercussão da expressão “homem cordial”, empregada sobre o brasileiro, que consta de *Raízes*.

— Tal expressão não é minha, e sim de Ribeiro Couto, que escreveu-a em carta a Alfonso Reyes. Este aproveitou-a, depois, em artigo publicado na sua revista *Monterey*. Entre muitas discussões, críticas de que se tratava da apologia de uma ideologia burguesa, surgiu até um livro de Cassiano Ricardo, que interpretou-a em sentido diverso do que eu lhe dava. Faz-me lembrar a frase atribuída a José Maria Alkmin, para quem, em política, o que importa não é a verdade, mas a versão. Às vezes, não são as idéias que influenciam, mas as interpretações.

Ao citar trecho de *Raízes do Brasil* o historiador Sérgio Buarque de Holanda lembra que “a palavra cordial há de ser tomada no sentido etimológico”.

— Ora é bom lembrar que a cordialidade não é só um estado de benevolência. Pode ser também de malevolência.

Sérgio confessa que se hoje tivesse 30 anos, sua idade quando produziu *Raízes do Brasil*, escreveria de outra maneira. “Mas eu mesmo, na resposta a Cassiano Ricardo, cheguei a

dizer que o “homem cordial” morreu e já se tem gasto muita cera para esse defunto”.

Para Sérgio Buarque de Holanda “apenas pequena camada da população brasileira participa das decisões políticas”.

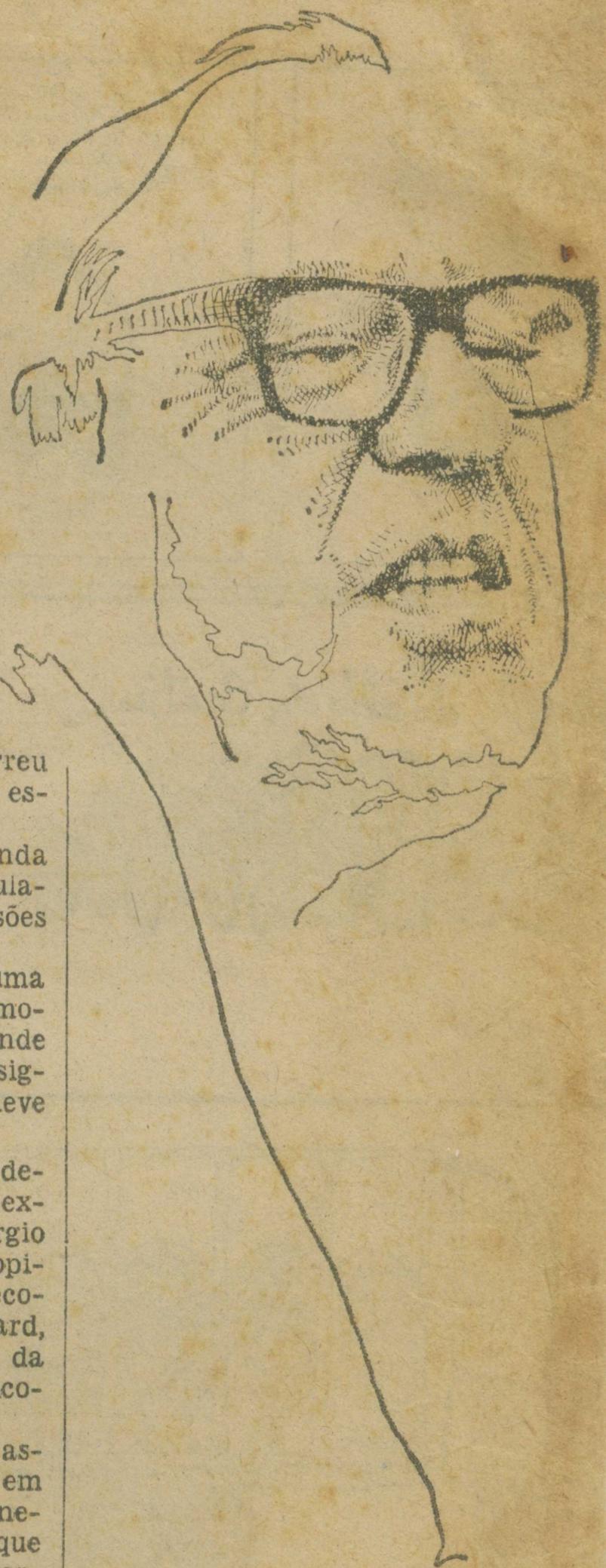
— Na minha opinião existe uma frustração cultural. Existe, no momento, uma unidade muito grande de pensamento. Essa frustração é significativa e, creio eu, o Governo deve saber disso.

Acentuando que “quando se detém a participação popular, mais explosiva a situação se torna”, Sérgio Buarque de Holanda lembra a opinião de um mestre em história econômica, da Universidade de Harvard, Alexander Gerschenbron, natural da Rússia e “insuspeito, pois é anticomunista”:

— O professor Gerschenbron assegura que a lentidão com que em seu país se fizeram as reformas necessárias causou as inquietações que encaminharam o processo para formas explosivas.

Defensor da liberdade de expressão, Sérgio ressalta que, pessoalmente jamais teve problemas com a censura em seu trabalho intelectual. Mas já a conheceu quando era redator-chefe da Agência Associated Press, no Rio.

— O caso aconteceu antes da guerra civil na Espanha e na época a determinação da censura do Governo era evitar qualquer referência a moedas e problemas cambiais. A propósito de um acordo comercial en-



tre a Espanha e a França, o título da notícia era “Acordo Franco-Espanhol”. Aí o censor esbravejou: “Não pode sair. Pensam que me enganam? Franco é o nome da moeda francesa. Vocês pensam que são mais inteligentes que eu, mas estão iludidos. Não passa”.

Mas apesar de tudo, Sérgio Buarque de Holanda é otimista quanto às limitações impostas à criação intelectual:

— Pode-se vencer algumas limitações. Sempre há como vencê-las.